

Saída discreta pela porta dos fundos: não relação com o mundo e morte em Macabéa e Margarida Flores, personagens de Clarice Lispector

(Discrete exit by the backdoor: no relation between world and death in Macabéa and Margarida Flores, Clarice Lispector's characters)

Kelvin Walker Bossolani¹

¹Pós-graduação – Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto – SP
kelvinbossolani@hotmail.com

Abstract. *This paper examines some aspects of the grotesque in literature, using as a base the theories of Mikhail Bakhtin and Wolfgang Kayser, and proposes a discussion on the composition of these characters from Clarice's romance: Macabéa, protagonist of The Hour of the Star (1977) and Margarida Flores, character of the story "A day less" that composes the collection The Beauty and the Beast (1979). It's possible to observe the non-relation from the characters with the world, ending by the death of the characters, seeking to analyze and justify the phenomenon of the studied romance, taking as base from the reflections of the sociologist Émile Durkheim and emphasizing then the social accusation made by the writer.*

Keywords. *Grotesque; Relation with the World; Death, Clarice Lispector.*

Resumo. *O artigo percorre os aspectos do grotesco na literatura, utilizando como base as teorias de Mikhail Bakhtin e Wolfgang Kayser e propõe a discussão destas na composição das personagens clariceanas Macabéa protagonista de A hora da estrela (1977) e Margarida Flores personagem do conto "Um dia a menos" que compõe a coletânea A bela e a fera (1979). Observamos a não relação das personagens com o mundo, culminando na morte, buscando analisar e justificar o fenômeno nas obras estudadas, com base nas reflexões do sociólogo Émile Durkheim, salientando assim a denúncia social feita pela escritora.*

Palavras-chave. *Grotesco; Relação com o Mundo; Morte; Clarice Lispector.*

Introdução

O artigo apresenta os resultados da pesquisa em Literatura Brasileira que buscou aprofundar o trabalho intitulado, *Um Cabelo na Sopa do Elefante de Circo: Aspectos Grotescos e Cômicos em Macabéa e Almira, Personagens de Clarice Lispector* (2012).

Clarice Lispector faz uso dos aspectos grotescos e cômicos na construção das personagens; um aspecto que se destacou em meio a análise das personagens foi a não relação com o mundo explicada pela teoria do grotesco.

Pela grandeza do tema, optou-se para este trabalho o recorte Macabéa, protagonista de *A Hora da Estrela* (1977) e Margarida Flores, personagem central do conto “Um dia a menos”, que compõe a coletânea de contos *A Bela e a Fera* (1979). Busca-se a análise da composição grotesca das personagens destacando o desfecho trágico da morte protagonizada por ambas, em decorrência da não relação com o mundo, apontada pela teoria do grotesco. Além deste aspecto também será considerado o estudo sociológico de Durkheim.

Da teoria: hiperbolismo e relação com o mundo

Wolfgang Kayser foi o primeiro teórico a se dedicar aos estudos sobre o grotesco na obra *O Grotesco: Configuração na Pintura e na Literatura* (1957). O estudioso faz uma explanação do gênero, marcando que o termo grotesco deriva do italiano *grotta* (gruta) termo usado na designação de ornamentações encontradas em fins do século XV. Estas se dividiam em “arabesco”, aplicado às ornamentações, e “burlesco”, quando relacionado à literatura, visto, neste último, como uma subclasse do cômico de mau gosto, pela estética. (1986, p. 14)

Kayser (1986, p. 24) marca que a mistura do animalesco e do humano, o monstruoso, são características importantes do gênero. Em sua manifestação na literatura serão encontradas personagens em que, “o homem já não se difere dos animais nem plantas”. (ROSENFELD, 1985, p. 64).

Segundo Bakhtin (1987, p. 265) o hiperbolismo, ou seja, o exagero, é característica marcante do estilo grotesco, que acarretará uma leitura muitas vezes cômica

O conceito do grotesco é visto fortemente ligado ao material e corporal, como indica Bakhtin (1987, p. 17), uma vez que esses exageros são ligados ao corpo e à vida corporal por meio da alimentação, onde se manifestam mais nitidamente.

No mundo grotesco, tudo é impregnado da alegria da mudança e transformação, como nos aponta Bakhtin (1987, p. 43), posto que o grotesco tem uma função libertadora para as necessidades inumanas, vistas com seriedade por meio de um riso reflexivo e carnavalesco. Esta está na base do grotesco, libertando, assim, a imaginação e visão humana.

Como destacamos, o grotesco se manifesta no material corporal, e é por meio da alimentação, como indica Bakhtin (1987), que o indivíduo estabelece sua relação com o mundo, uma vez que:

[...] o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo [...] *O encontro do homem com o mundo* que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga [...] degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele parte de si. (BAKHTIN, 1987, p. 245, grifos do autor).

Também em consonância com o pensamento de Victor Hugo (1876) o grotesco “está em toda a parte: por um lado, cria o disforme e o horrível; por outro, o cômico e o bufo” (HUGO, 1981 apud BAKHTIN, 1987, p. 38).

Um cabelo na sopa: o grotesco em Macabéa

Passaremos à análise de Macabéa, protagonista do romance *A hora da estrela* (1977), livro que zomba dos conceitos hegemônicos. Obra que de acordo com Figueiredo e Nolasco (2007, p. 117) coloca em evidência as mazelas sociais, apresentando o contexto social dos retirantes nordestinos.

Macabéa *persona* ignorante “ícone da visão trágica da existência [...] é um dos migrantes que se dirigem ao sul maravilha [...] em busca de um lugar ao sol”. (HELENA, 2006, 129). Tem sua história narrada por Rodrigo S. M., narrador-autor-personagem,

criado por Clarice Lispector como espécie de máscara de sua consciência autoral, como nos aponta Bossolani (2012, p. 23).

Datilógrafa em uma fábrica de roldanas, Macabéa é humilhada ao longo da narrativa, sem muitas vezes nem ter ao menos como tomar consciência. De acordo com Bossolani (2012, p. 24) a nordestina situa-se em uma classe social que ao se deparar com a obra *Humilhados e Ofendidos* de Dostoievski, se vê diante da própria realidade, uma vez que esta obra narra a realidade e miséria entre classes.

Cabe aqui levarmos em consideração o dialogismo como o “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define” (BARROS 2003 apud BOSSOLANI 2012, p. 24).

As humilhações sofridas por Macabéa, pelas mãos de Raimundo, Glória, Olímpico, ou o próprio narrador Rodrigo S. M. nos remete à carnavalização das paixões, que de acordo com Bakhtin (1981, p. 137) combina o amor com o ódio. Salienta-se que só Rodrigo a ama “Sim, eu apaixonado por Macabéa” (LISPECTOR, 1998 apud BOSSOLANI 2012, p. 26)

De acordo com Bossolani (2012, p. 24), a personagem, construída com elementos da arcaica romanesca, vem como crítica à situação social, personificando o cúmulo da miséria e como aponta Franco Junior (2008, p. 63), podendo ser caracterizada como poética, patética, bela e amável.

Por meio da máscara da tolice, que Macabéa veste, vemos uma inversão do herói social. Insignificante, “ela era café frio” (LISPECTOR, 1998, p. 27), uma vez que, de acordo com Kothe (apud BOSSOLANI, 2012, p. 24), na modernidade é preciso mostrar o alto como baixo e o baixo como elevado, para se ter uma obra literária.

Em sua construção vemos os aspectos grotescos que a compõe, uma vez que a magreza em excesso gera um hiperbolismo, característico do estilo, “lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torradas esfareladas” (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Ao tratar do grotesco, devemos considerar o cômico, uma vez que para Bergson (apud PROPP, 1992, p. 45) qualquer manifestação física é cômica, quando diz respeito à personalidade. Assim a magreza em excesso representa seu EU insignificante como nos aponta Bossolani (2012, p. 25).

De acordo com o mesmo (2012, p. 26), Macabéa apresenta traços semelhantes a um palhaço, trazendo o tom circense ao romance, assim como o exagero, marcando o grotesco, na personagem: “nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão” (LISPECTOR, 1998, p. 25). Ou ainda os lábios pintados fora do contorno: “no banheiro da firma pintou a boca toda até fora dos contornos para que os lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marylin Monroe [...]” (Ibid, p 62).

Para Bossolani (2012, p. 26) vemos a presença do *Kitsch*, com seu apelo estético ornamental, posto que:

Inserção do elemento Kitsch às obras marca a desconstrução da obra contemporânea, uma vez que o elemento de mau gosto inserido em meio ao texto literário tende a romper com o modelo clássico de outrora, repensando assim os limites da nova literatura. (Ibid, p. 33)

O batom, a figura de Marylin Monroe, a Coca Cola e, até mesmo, o esmalte com o qual Macabéa “pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas” (LISPECTOR, 1998, p 36), são vistos como elementos da massa inseridos na narrativa reforçando o exagero da obra e criando o monstruoso/cômico. Assim, causa uma desconstrução da obra como apontado por Franco-Junior (2002, p. 140), refletindo a crítica ao sistema de valores, carro chefe do romance *A hora da estrela*, tido pela crítica como um dos romances mais engajados de Clarice Lispector.

Margarida Flores de Enterro: um grotesco “depois”

O conto “Um dia a menos”, que compõe a coletânea *A bela e a fera* (1979), é narrado por um narrador de terceira pessoa onisciente, que nos conta sobre um dia, ou como o título insinua, “Um dia a menos”, na vida de Margarida Flores. Clarice Lispector explora o terreno do suicídio como nos aponta Ormundo (2008, p. 151), tema já explorado na literatura brasileira no período do romantismo, como possibilidade de fuga do tédio.

Ainda de acordo com o mesmo (2008, p. 123) a constante repetição de palavras, em busca da espera pelo “depois”, marca o tom monótono na narrativa, assim como a vida de sua protagonista.

A personagem ao acordar se encontra sozinha em seu apartamento, já que a empregada viajara, ficando sem sua “principal” conexão com o mundo “ela se guiava [...] de ter a mesma empregada desde que nascera” (LISPECTOR, 1999, p. 91).

Margarida Flores, ou “seu apelido na escola primária: Margarida Flores de Enterro” (Ibid, p. 90), já vem pelo nome/apelido marcando o tom grotesco, por ser associado ao enterro, à morte, relação já presente desde seu “nome”, mas que terá uma maior significação na personagem.

A personagem construída pelo exagero, como nos mostra o narrador “era gorda e sua gordura extremamente pálida e flácida” (Ibid, p. 91), enfatizando a personagem obesa, gerando o tom grotesco/cômico em sua composição. De acordo com Propp (1992, p. 46), a natureza física expõe os defeitos da natureza espiritual, marcando a personagem desastrada, já que “o riso aumenta se depararmos, de repente e inesperadamente, com um gordão” (Ibid, p. 46).

E não será somente em sua aparência física que haverá o exagero; uma vez que o campo olfativo é exagerado em Margarida, reforçando a ideia de seu sobrenome “Flores”: “Acabados os banhos e os pensamentos, talco, talco, *muito* talco. E *quantos e quantos* desodorantes: duvidava que alguém no Rio de Janeiro cheirasse menos que ela” (LISPECTOR, 1999, p. 92, grifos nossos).

No trecho citado chama a atenção o advérbio “menos”, causando a ambiguidade na frase, uma vez que a personagem, pelo seu excesso de perfume, não encontraria ninguém que exalasse mais “fragrâncias”, o que gera um tom irônico na construção da personagem, marcando sua alienação em seu eterno “depois” existencial.

Não relação com o mundo: morte involuntária e suicídio

Como salientado anteriormente em ambas as personagens, o exagero gera o tom grotesco em suas construções. Macabéa exageradamente magra; Margarida

exageradamente gorda, aspectos que trazem em suas construções o tom cômico-sério, refletindo a indiferença social.

Ao nos atentarmos para a alimentação, um dos aspectos mais significativos do estilo grotesco, vemos que por meio dessa, o indivíduo estabelece sua relação com o mundo. Para Durkheim “a pessoa tanto se mata recusando-se a comer como destruindo-se a ferro e fogo”(2000, p.11). Tal reflexão será fundamental para nossa análise das protagonistas clariceanas.

Em ambas as personagens, têm-se uma busca pela relação com o mundo, busca que não acontece.

Macabéa que certa vez comera gato frito e desde então “só tinha a grande fome” (LISPECTOR, 1998, p. 39), fome esta que não se refere só a de alimento, mas a de aceitação, “fome” de pertencer ao meio em que vive, uma vez que se encontra inadaptada na grande Rio de Janeiro, cidade “toda feita contra ela” (Ibid, p. 15). Salientamos que a não adaptação, remete-nos à comicidade das diferenças, o que para Propp (1992, p. 59) torna a personagem ridícula, pela a estranheza que a distingue do meio.

A nordestina em seu desespero pela relação com o mundo, não só se alimenta de alimento, mas como de outros elementos do mundo onde “o remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (LISPECTOR, 1998, p. 31); ou então, desejar comer o creme para pele às colheradas, buscando deglutir esse mundo, fazendo-o parte de si, na tentativa de sanar a “grande fome”.

Margarida por sua vez que “para falar a verdade, não tinha fome” (LISPECTOR, 1999, 97), alimenta-se animada ao se distrair com Augusta “porque falavam, falavam e comiam, ah, comiam fora da dieta e nem engordavam” (Ibid, p. 97). Margarida que também não demonstra prazer no ato da alimentação, não estabelecendo sua relação com o mundo ao se negar a comer aquela galinha “esbranquiçada e pelenta do jantar” (Ibid, p. 92), ou mais especificamente, não consegue estabelecer sua relação com o mundo pela ausência de Augusta, vista como seu contato com o mundo.

Como já salientamos, vê-se as duas personagens à margem. Macabéa não se adapta. Margarida em seu apartamento espécie de limbo pessoa, não se relaciona com pessoas, exceto Augusta, e espera exaustivamente um telefonema que vem “depois”.

Personagens inocentes, característicos de muitos outros de Clarice Lispector, e que representam esse indivíduo esquecido.

Essa baixa relação com o outro, como nos é apontado por Durkheim (apud ORMUNDO, 2008, p. 152), leva o indivíduo ao suicídio, uma vez que este está propenso a se matar. Merece atenção a definição de suicídio de acordo com o teórico: “*chama-se suicídio toda morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado*” (DURKHEIM, 2000, p. 1, grifos do autor).

O sociólogo salienta que “a mulher desfruta de uma imunidade maior do que o homem” (DURKHEIM, 2000, p. 237). No entanto, no caso de Margarida, pela sua não relação com o outro, sua sociabilidade se mostra vulnerável à morte voluntária para sanar seu tédio, sua eterna busca pelo “depois”. Também de acordo com Camus (apud ORMUNDO, 2008, p. 123), se matar é confessar que foi ultrapassado pela vida ou não se pode compreendê-la.

Ao nos voltarmos para a nordestina Macabéa, vemos que a morte protagonizada pela personagem vem de forma involuntária, uma vez que após sair da cartomante “grávida de futuro” (LISPECTOR, 1998, p. 79), é atropelada por um Mercedes amarelo, simbolizando ironicamente a riqueza prevista para ela, posto que segundo as previsões de Madama Carlota se casaria com um homem rico: “esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você! Ele tem muito dinheiro”(Ibid, p. 78).

Segundo Ormundo: “o que assemelha as duas personagens clariceanas é a morte como representação de um começo de vida” (2008, p. 156).

Cabe-nos refletir a morte protagonizada por ambas as personagens, no intuito de analisarmos esse movimento semelhante nas duas.

De acordo com Bakhtin (1987 apud BOSSOLANI, 2012, p. 27) a morte surge de forma ambivalente, um misto de corpo que agoniza e renasce, movimento observado em Macabéa que “se mexeu devagar e acomodou o corpo em posição fetal” (LISPECTOR, 1998, p. 84). Ainda de acordo com Bossolani (2012, p. 27) “a personagem paradoxalmente tem seu momento de existência plena, renascendo para o abraço da morte”.

Diferente de Macabéa que tem sua morte de maneira involuntária, Margarida Flores se “suicida”, talvez de forma inconsciente sem “nenhuma má intenção”

(LISPECTOR, 1999, p. 98) como nos sugere o narrador clariceano, uma vez que ninguém “saberá julgar se for por desequilíbrio ou em fim por um grande equilíbrio” (Ibid, p. 98).

Movimento semelhante ao de Macabéa que “renasce”, no momento de sua morte, é observado na protagonista do conto “Um dia a menos”, como salientado por Ormundo (2008, p. 156) visto que a personagem “(re)nasce na mesma cama em que fora gerada pelos pais (imagem do feto), deixando para trás “um dia a menos” de uma vida “por acaso” em que “não era muitas coisas”.

De acordo com Bakhtin (1987 apud BOSSOLANI, 2012, p. 27) o fim deve dar lugar a um novo começo, ao renascimento. Chama a atenção que ambas as obras são finalizadas com a referência ao alimento.

Em *A hora da estrela*, o narrador Rodrigo S. M. se refere aos morangos “não esquecer que por enquanto é tempo de morangos” (LISPECTOR, 1998, p. 87), assim como o narrador de “Um dia a menos” se lembra de uma torta, sem esquecer é claro de Augusta “se pelo menos Augusta tivesse deixado pronta uma torta de framboesa” (LISPECTOR, 1999, p. 98). Isso nos remete ao banquete fúnebre que, para Bakhtin (1987, p. 247), marca um triunfo da vida sobre a morte, semelhante ao renascimento, podendo ser lido como a vitória dos narradores ao contar a história de suas protagonistas, Bossolani (2012).

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou delinear os aspectos grotescos nas personagens Macabéa e Margarida Flores, que protagonizam *A hora da estrela* e “Um dia a menos”. Textos estes escritos no ano de 1977, mesmo ano da morte de sua autora Clarice Lispector.

Ambas as personagens são construídas de uma forma grotesca, que suscita o riso reflexivo, um riso capaz de levar o leitor a refletir sobre a situação destas mulheres à margem da sociedade. Estas ganham forma nas mãos da escritora que faz uso de uma estética tida como híbrida, despertando o gosto e até a desarmonia do gosto, como nos aponta Bossolani (2012, p. 32); construção por meio do grotesco na qual “edifica-se aí a

ficção clariceana, [...], opondo-se a qualquer racionalidade [...] é possível observarmos a tendência à animalidade e ao caráter hiperbólico” (ALONSO, 2012, p.83)

A relação com o mundo, tema que objetivamos refletir nesta pesquisa, não é realizada pelas personagens, como salientado. Elas são marginalizadas, não têm espaço em “cidades feitas contra elas”.

O desfecho trágico-cômico de uma morte involuntária, ironicamente simbolizada pelo atropelamento do Mercedes amarelo, assim como os comprimidos tomados “vidro após vidro”, um suicídio sem “nenhuma má intenção”, intensificam o tom crítico da obra clariceana, que se apresenta mais engajada em seus últimos trabalhos. A construção das personagens, por elementos grotescos, possibilita uma leitura que nos leva a refletir sobre o diálogo entre as obras da escritora, já que de acordo com Franco-Junior (2002 apud BOSSOLANI, 2012, p. 32) os mesmos motivos e situações dão vazão a outros textos de Clarice.

Assim, podemos levar em consideração os dizeres de Bossolani (2012, p. 33) para o qual Lispector ao romper com as estruturas clássicas, aderindo em seus textos os elementos *Kitsch*, encena a construção de um gênero em seus textos, que vem diluído e amalgamado com o novo e o desconhecido, não utilizados na literatura até então.

5. Referências

ALONSO, Mariângela. Entre o grotesco e a comicidade: A via crucis do conto clariceano. *Revista E-escrita*. Nilópolis, n. 1b, Jan - Abr, 2012, disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/284/pdf_178, acesso em 6 de Janeiro de 2013.

AREÂS, Vilma. *O sexo dos clowns*. Revista Tempo Brasileiro. n. 104, março de 1991.

BAKHTIN Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Viera. São Paulo: Husitec; Editora universidade de Brasília, 1987.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1981.

BOSSOLANI, Kelvin Walker. *Um cabelo na sopa do elefante de circo: aspectos grotescos e cômicos em Macabéa e Almira, personagens de Clarice Lispector*. Centro Universitário Unifafibe. 2012. (Trabalho de conclusão de curso)

DURKHEIN, Émile. *O suicídio*: Estudo de sociologia. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva; NOLASCO, Edgar César. A hora da estrela e o Brasil de 70. In: NOLASCO, Edgar César (org). *Espectros de Clarice*: Uma homenagem. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

HELENA, Lucia. Macabéa, rosto e destino. In: *Nem Musa, Nem Medusa*: itinerários da escrita em Clarice Lispector. 2. ed. Niterói: EDUFF, 2006, p. 129-139.

FRANCO-JUNIOR, Arnaldo. Da crítica ao mau gosto: 'O jantar', de Clarice Lispector. *Revista de Letras*, São José do Rio Preto, vol. 41/42, p.139-150. 2002.

KAYSER, Wolfgang. . *O grotesco*: configuração na pintura e na literatura. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *A Bela e a Fera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ORMUNDO, Wilton de Souza. *Figuração do grotesco nas narrativas curtas de Clarice Lispector: o fenômeno como disparador do unheimlich, das inversões e do (des)equilíbrio*. Universidade de São Paulo. 2008 (Mestrado em literatura brasileira).

PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

ROSENFELD, Anatol. A visão grotesca. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto*. 4 ed. São Paulo: perspectiva, 1985.

Recebido em 10/04/2014

Aprovado em 27/10/2014